

O BALLET GULBENKIAN SOB A DIRECÇÃO ARTÍSTICA DE JORGE SALAVISA

Ana Cruz Ferreira *
Daniel Tércio **

No 5º ano da Licenciatura em Dança realizámos um estágio em Produção Artística no Ballet Gulbenkian. Uma vez que tivemos acesso a programas, e a documentos privados, e estávamos em relação directa com o elenco técnico e artístico, considerámos pertinente realizar um trabalho de índole prática de posterior utilização, quer para o Ballet Gulbenkian, quer para os alunos e professores da Faculdade de Motricidade Humana.

A monografia do seminário, orientado pelo Dr. Daniel Tércio, com regência da Profa. Doutora Ana Paula Batalha, teve por título **O Ballet Gulbenkian sob a Direcção Artística de Jorge Salavisa**. É este também o tema do presente artigo.

O nosso trabalho incidiu, portanto, sobre a Direcção Artística de Jorge Salavisa, desde o seu início, em Outubro de 1977, até Julho de 1993, incluindo as respectivas temporadas, com excepção da temporada de 1993/94, uma vez que a Companhia se encontrava em tournée.

O problema a que nos propusemos dar resposta resume-se à seguinte questão:

Como se caracteriza a Gestão Artística do Ballet Gulbenkian sob a Direcção Artística de Jorge Salavisa?

Entendendo-se por Gestão Artística somente a direcção do elenco técnico, artístico e elementos externos à Companhia, bem como a coordenação das tournées e elaboração de programas.

A nossa preocupação passava pela sistematização da informação disponível acerca daquela Companhia de dança.

Assim, elaborámos fichas coreográficas a partir do inventário dos programas do Ballet Gulbenkian, referentes a todas as coreografias dançadas pela Companhia durante a Direcção Artística de Jorge Salavisa desde a temporada de 1977/78 a 1992/93. Nestas fichas fizemos constar o nome da Companhia, o Director Artístico, Coreografia, Coreógrafo, Música, Figurinos, Cenografia e Desenho de Luzes. Embora o estudo incida sobre Jorge Salavisa, optámos por escrever em cada uma delas o nome do Director Artístico e o nome da Companhia para posteriores utilizações, já que existiram outras direcções e a própria Companhia já foi designada de diferentes maneiras. As fichas referem ainda a Temporada, Programa,

* Licenciada em Dança - FMH/UTL

** Assistente, Departamento de Dança - FMH/UTL

Data e Espaço Cénico da estreia e de cada reposição. Considerámos que uma coreografia é reposta quando, após a sua estreia, é dançada em diferentes espaços cénicos e diferentes datas.

Para além disto, entrevistámos o Director Artístico do Ballet Gulbenkian, com o intuito de obter de fonte fidedigna dados que complementassem as informações previamente adquiridas.

A bibliografia sobre este assunto é escassa, tendo sido consultada a obra de José Estevão Sasportes *História da Dança em Portugal*; artigos dos *Colóquio Arte* de Tomás Ribas e Sasportes; *História da Dança* de Sasportes e António Pinto Ribeiro, além dos programas do Ballet Gulbenkian. Existem outros estudos em curso sobre a matéria, que não tivemos oportunidade de consultar, mas que certamente trarão novas contribuições para a análise do Ballet Gulbenkian. Pretendemos assim reunir informações suficientes para o esclarecimento do problema deste trabalho.

Uma vez elaboradas as fichas coreográficas referentes às coreografias dançadas pelo Ballet Gulbenkian, desde a temporada de 1977/78 a 1992/93, optámos por elaborar gráficos referentes ao número e percentagens de reposições de cada coreografia; número de coreografias de cada coreógrafo; percentagem de coreógrafos da Companhia e exteriores a esta; número de coreografias de cada figurinista, cenógrafo e desenhador de luzes; mapas de Portugal referentes a cada Temporada, onde assinalámos os locais das tournées efectuadas, e um mapa mundo, com as digressões mundiais.

Vejamos então alguns dos dados coligidos e a análise que deles se pode fazer.

Coreógrafos

Relativamente ao número de coreografias de cada coreógrafo do Ballet Gulbenkian, verificamos que existem 51 coreógrafos que trabalharam para a Companhia entre o período de 1977 a 1993. De entre estes, destacam-se Vasco Wellenkamp com 30 coreografias, Olga Roriz com 20, e Gagik Ismailian com 10, Lúcia Lozano e Carlos Trincheiras com 7 cada um, e Hans Van Manen com 6 coreografias.

Compreende-se facilmente que Vasco Wellenkamp, como coreógrafo residente, seja o coreógrafo que mais obras realizou, uma vez que se encontra na Companhia há mais tempo do que qualquer outro; tem realizado cerca de duas a três obras por temporada.

Além do coreógrafo residente, existem coreógrafos convidados. Estes, ou são coreógrafos estrangeiros que se enquadram na linha estética da Companhia, ou novos talentos descobertos pelo Director Artístico nos Estúdios Coreográficos, em cujo trabalho este investe.

Em termos percentuais, 57% dos coreógrafos pertencem à Companhia, sendo os restantes 43% coreógrafos externos. Estes resultados denotam um grande investimento equilibrado por parte do Director Artístico, quer na promoção da prata da casa, quer no recurso a coreógrafos prestigiados que se enquadram na linha estética do Ballet Gulbenkian.



GRÁFICO 1 - Número de Coreografias de cada Coreógrafo do Ballet Gulbenkian - Temporadas de 1977/78 a 1992/93

**Percentagem dos Coreógrafos da Companhia/Externos ao Ballet Gulbenkian
Temporadas de 1977/78 a 1992**

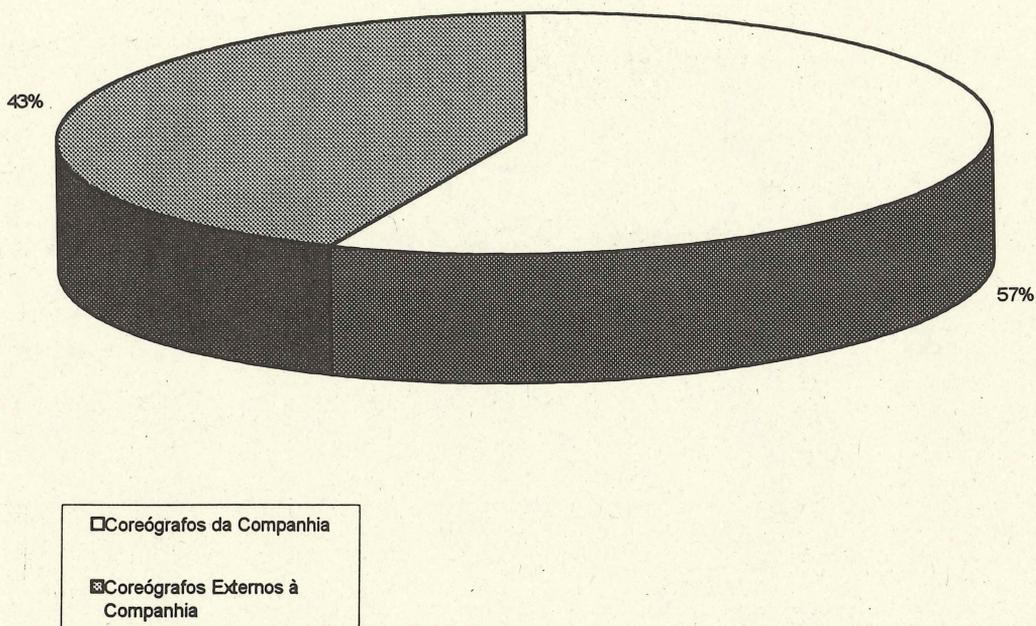


GRÁFICO 2

Quanto ao número de coreografias de cada figurinista, destacam-se Helena Lozano com 17 coreografias, seguida de Nuno Carinhas com 14, Olga Roriz com 9, Vasco Wellenkamp e Marta Atayde com 6, e Jasmim de Matos com 5.

Dos 91 figurinistas que trabalharam para o Ballet Gulbenkian, 26 são estrangeiros e 65 são portugueses, o que vai também ao encontro do desejo da Companhia em promover os valores nacionais.

Artistas plásticos e desenhadores de luzes

Nos artistas plásticos englobamos os figurinistas e os cenógrafos.

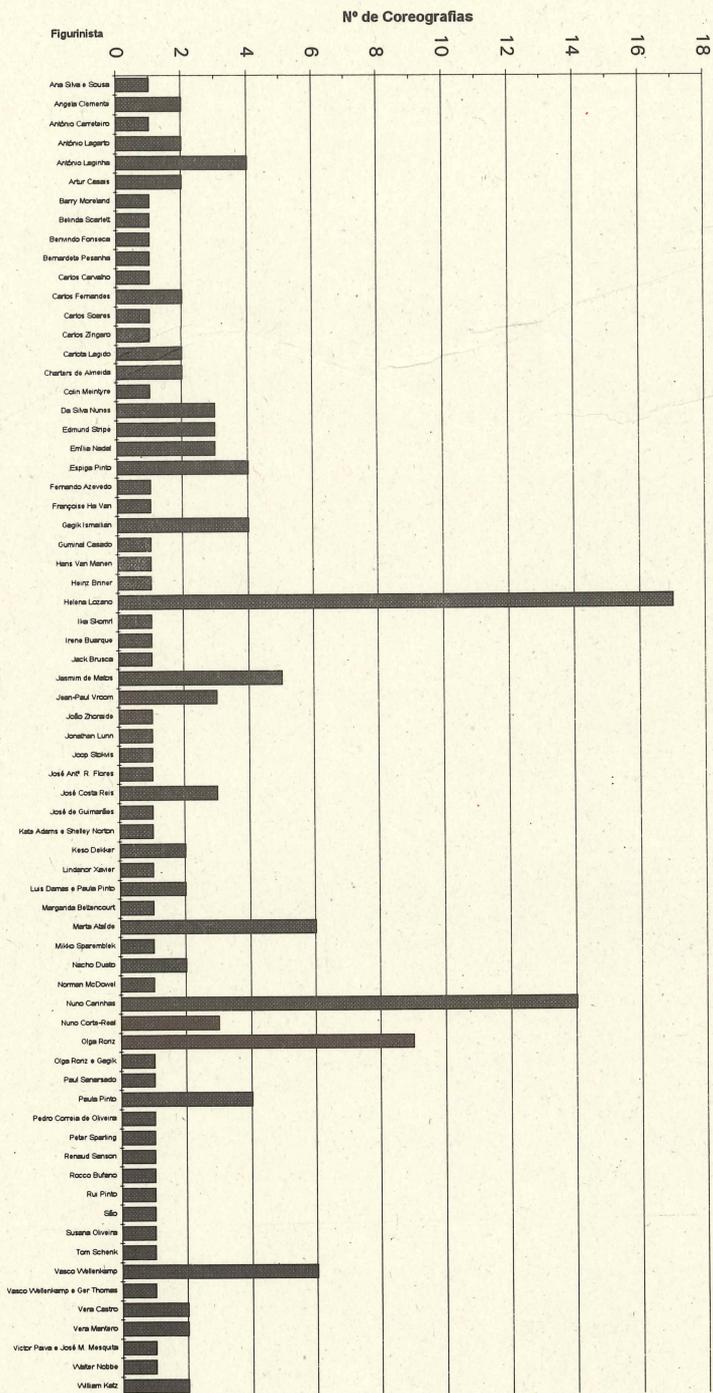


GRÁFICO 3 - Número de Coreografias de cada Figurinista do Ballet Gulbenkian - Temporadas 1977/78 à Temporada 1992/93

No que respeita aos cenógrafos, Nuno Carinhas elaborou o cenário de 11 coreografias, seguido a uma distância significativa por Espiga Pinto e Jean-Paul Vroom com 4 cenários; com 3 cenários cada um respectivamente Charters de Almeida, Da Silva Nunes, Helena Lozano, Jasmim de Matos e Walter Nobbe. Verifica-se uma vez mais que existe um predomínio de artistas plásticos portugueses.

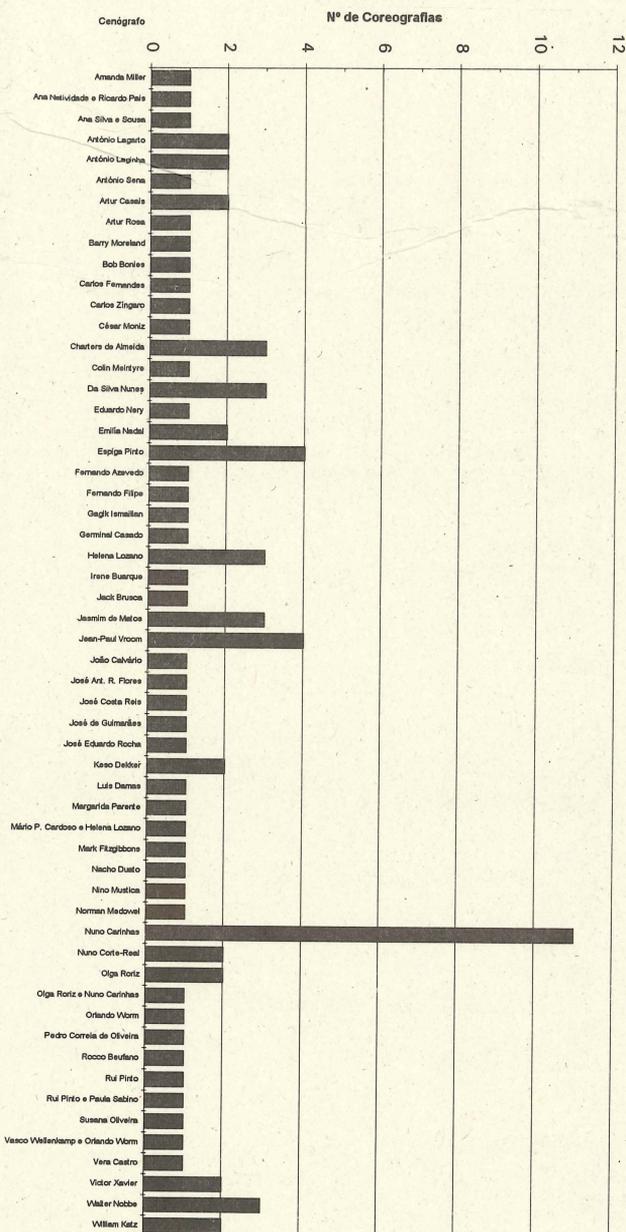


GRÁFICO 4 - Número de Coreografias de cada Cenógrafo do Ballet Gulbenkian - Temporadas de 1977/78 a 1992/93

Embora não sendo vulgarmente incluídos nos artistas plásticos, os desenhadores de luzes têm igualmente um papel importante na valorização da produção de cada coreografia.

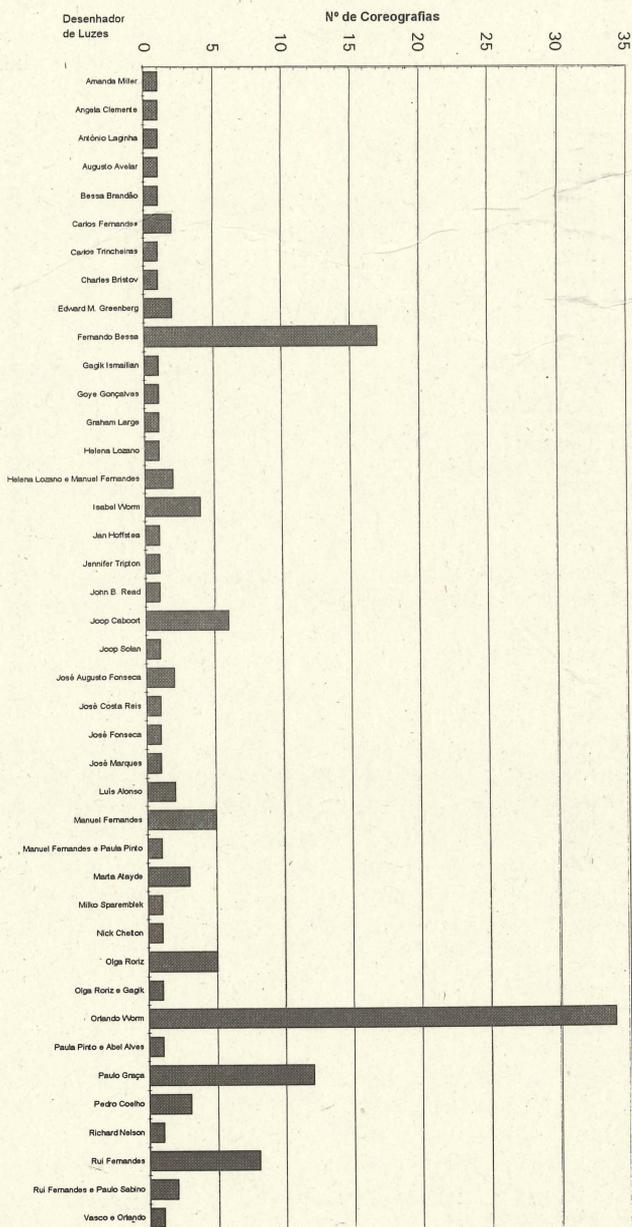


GRÁFICO 5 - Número de Coreografias de cada Desenhador de Luzes do Ballet Gulbenkian - Temporadas de 1977/78 a 1992/93

Assim, Orlando Worm realizou 34 desenhos de luzes, seguido de Fernando Bessa com 16, de Paulo Graça com 12, Rui Fernandes com 8 e Joop Caboort com 6. O elevado número de coreografias em que Orlando Worm participou justifica-se pelo facto de ter havido até ao final da temporada de 1992/93, o chefe de electricistas.

A escolha dos artistas plásticos e dos desenhadores de luzes é, em princípio, sugerida pelo coreógrafo, sendo no entanto discutida com o Director Artístico que dá o seu parecer, ou quando tal se justifique indica ele próprio um nome.

Tournées

Para além das temporadas regulares no Grande Auditório Gulbenkian, o Ballet Gulbenkian efectua em cada temporada um elevado número de espectáculos em todo o país.

Os contactos destas tournées nacionais são efectuados pelo Assistente Administrativo Mário Esteves e seguem uma certa estrutura que tem vindo a ser definida ao longo de todos estes anos, o que torna este processo automático.

Durante a Direcção Artística de Jorge Salavisa, o Ballet Gulbenkian efectuou digressões, percorrendo os seguintes locais: Abrantes, Açores, Aveiro, Évora, Vila Real, Viseu, Portimão, Vilamoura, Faro, Vila Real de Sto. António, Sintra, Porto, Viana do Castelo, Leiria, Setúbal, Espinho, Azeitão, Madeira, Sesimbra, Estoril, Almada, Covilhã, Guarda, Coimbra, Lamego, Silves, Barreiro, Amadora, Póvoa do Varzim, Oeiras, Tomar, Lagos, Águeda, Portalegre, Guimarães, Cascais, Caldas da Rainha, Montemor-o-Novo e Torres Vedras. Alguns dos locais repetem-se em cada ano, uma vez que são conhecidos da Companhia e não exigem prévias deslocações do Director de Cena para inventariar as condições do espaço cénico e adaptações da coreografia a novos palcos.

Das temporadas de 1977/78 a 1992/93 a Companhia fez as seguintes apresentações no estrangeiro: Salvador da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília em 1982; Londres e Barcelona em 1983; Bona e Paris em 1984; Varsóvia e Roma em 1985; Dakar e Londres em 1986; São Paulo, Rio de Janeiro e Turim em 1987; Londres, Cannes e Cairo em 1988; Rabat, Casablanca e Lausanne em 1989; Ljubljana, Zagreb e Belgrado em 1989; Lausanne, Bruxelas e Luxemburgo em 1990; Cannes em 1991; Sevilha e Lausanne em 1992.

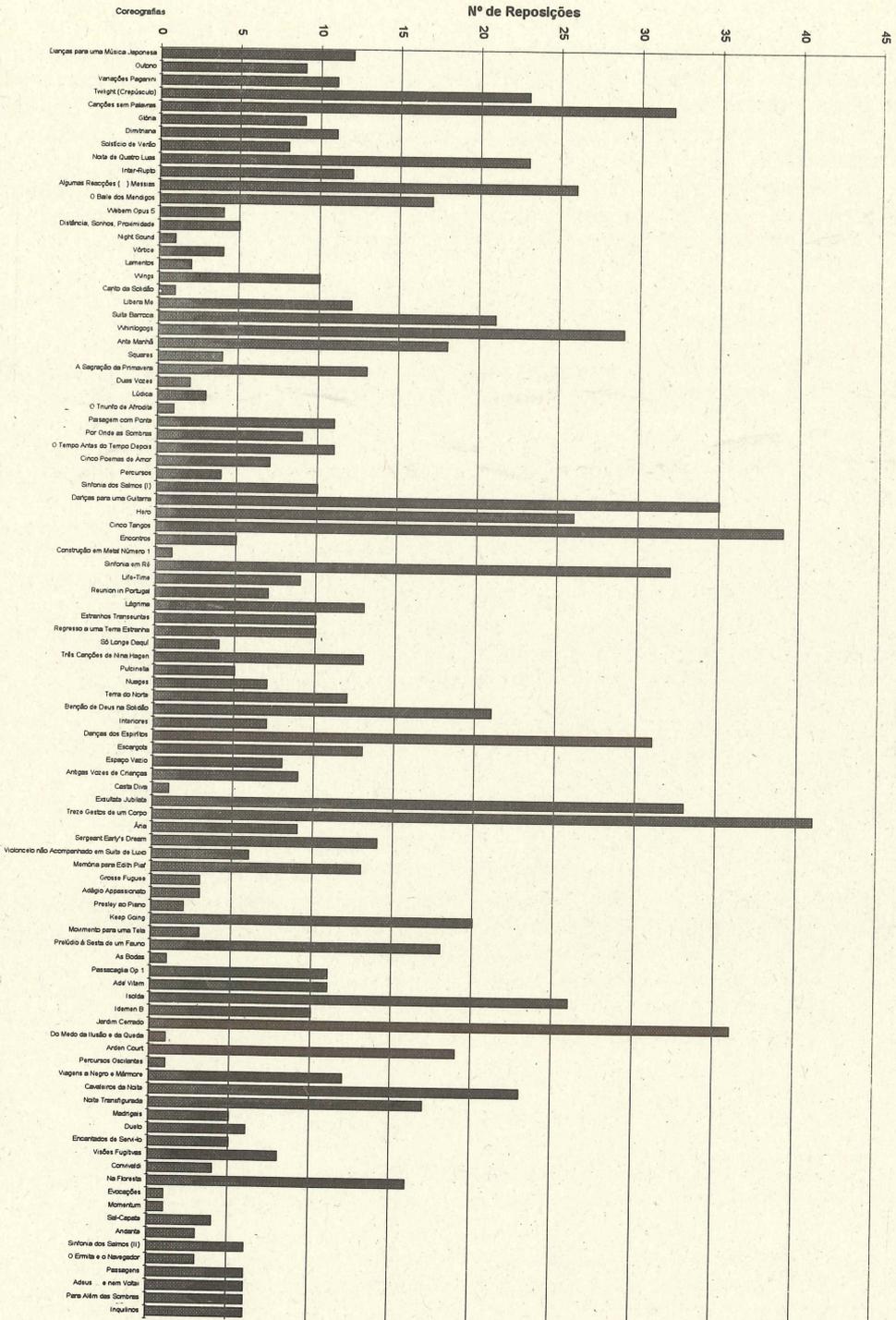
Até à data os contactos internacionais têm resultado de convites dirigidos à Companhia. No entanto, esta tem sentido a necessidade de reorganizar o sector de relações públicas, com vista a promover o Ballet Gulbenkian no estrangeiro.

Reposições coreográficas

O gráfico refere-se ao número de reposições de cada coreografia do Ballet Gulbenkian, constando apenas as 99 coreografias repostas, das 180 que foram produzidas no espaço de tempo que abrange este trabalho.

A coreografia que atingiu o maior número de reposições foi *Treze gestos de um corpo* de Olga Roriz com 41, seguindo-se *Cinco Tangos* de Vasco Wellenkamp

GRÁFICO 6 - Número de Reposições de cada Coreografia do Ballet Gulbenkian - Temporada de 1977/78 a 1992/93



com 39 reposições, *Jardim Cerrado* de Nacho Duato com 36, *Danças para uma Guitarra* de Vasco Wellenkamp com 35, *Exultate Jubilate* de Vasco Wellenkamp com 33, *Canções sem Palavras* de Vasco Wellenkamp e *Sinfonia em Ré* de Jiri Kylian com 32, e *Dança dos Espíritos* de Christopher Bruce com 31.

Em termos percentuais, 49% do universo das coreografias produzidas não foram repostas. Isto significa que cerca de metade do número de coreografias foi dançada apenas uma vez; 27 % das coreografias foram repostas de uma a dez vezes, e 14 % foram repostas de onze a vinte vezes; finalmente, 5 % foram repostas de vinte e uma a trinta vezes e mais de trinta vezes.

Percentagem de Reposições das Coreografias do Ballet Gulbenkian Temporadas de 1977/78 a 1992/93

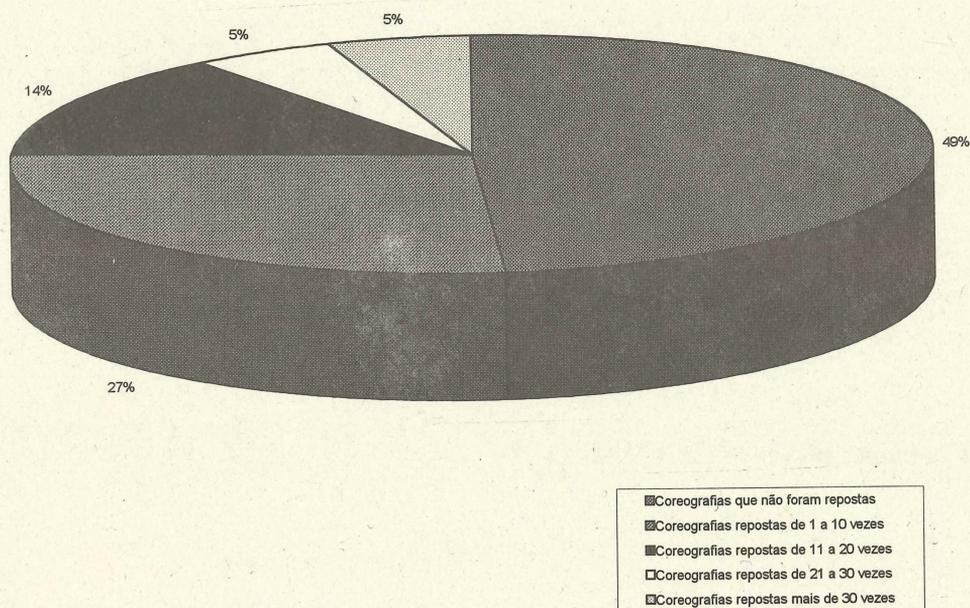


GRÁFICO 7

Factores que conduzem à reposição coreográfica

Ao procurarmos definir os factores que interferem na selecção das obras a repôr, encontrámos os seguintes:

1. *Bailarinos*

O Director Artístico ao escolher as coreografias que compõem um programa tem a preocupação de integrar o maior número de bailarinos da Companhia.

2. *Exigências técnicas*

O elevado número de elementos cénicos, fragilidade e grandeza dos cenários, guarda-roupa que requer muitos cuidados e efeitos de luzes com montagem sofisticada, são factores técnicos que podem levar o Director de Cena a dar um parecer negativo sobre a sua reposição em tournées. Contudo, Jorge Salavisa considera que se o bailado for de grande qualidade e representativo da Companhia este factor é relegado para segundo plano.

3. *Contraste de estilos*

O Director Artístico tem a preocupação de, num mesmo programa, conciliar diferentes estilos de coreografias atendendo à linha estética da Companhia.

4. *Serviço de música*

Uma vez elaborados, os programas são analisados conjuntamente com o Serviço de Música, cuja opinião é tida em conta.

5. *Crítica*

Entendendo-se por crítica não só a proveniente de jornalistas e críticos de arte, mas também a reacção do público perante a obra coreográfica. Esta reacção é um dado que permite ao Director qualificar a coreografia.

6. *Gosto pessoal do Director Artístico*

De acordo com as palavras de Jorge Salavisa, este é o factor mais relevante e que mais influencia as reposições.

Conclusões

Tentámos esclarecer o mais objectivamente possível a questão inicialmente colocada, tanto quanto a inventariação e análise de dados pode permitir.

Assim, a gestão de Jorge Salavisa durante o período considerado visou manter uma Companhia com uma linha estética própria de elevada qualidade artística, e receptiva às tendências da dança moderna e contemporânea. Para atingir estes padrões de qualidade, Jorge Salavisa tem regido a sua actividade por princípios pessoais que caracterizam a sua conduta profissional.

Procurando objectivar estes princípios, há que referir, como preocupações da direcção artística de Jorge Salavisa:

- * Investir em talentos nacionais, quer em coreógrafos, artistas plásticos, compositores, desenhadores de luzes, mestres de bailado e ensaiadores.
- * Investir em reconhecidos talentos internacionais que valorizem a linha estética e a qualidade da Companhia.
- * Investir no nível técnico e artístico dos bailarinos.
- * Investir na conquista de novos espaços cénicos.
- * Investir na promoção do Ballet Gulbenkian.

Com estas medidas, Jorge Salavisa tem procurado dar à Companhia uma fisionomia estética contemporânea, de nível internacional, e incrementar uma actividade coreográfica balética nacional.

À sua excelência profissional, Jorge Salavisa alia uma reconhecida capacidade para gerir o capital humano do Ballet Gulbenkian, o que permite atenuar os conflitos e tensões internas próprias de uma grande Companhia que partilha o mesmo espaço durante grande parte do dia.

O Ballet Gulbenkian pode ser alvo de inúmeras investigações, sendo uma fonte inesgotável de estudo.

Assim, esta pesquisa é necessariamente uma abordagem incompleta, que fica pois em aberto, para posterior desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

- Arquitectura, Construção e Equipamento. *Binário 134*. Lisboa. Novembro 1969. Pp. 212 -221.
- Azevedo, Fernando de - Dez Anos de Cenário do Ballet Gulbenkian. *Colóquio Artes*. Lisboa. Outubro, 1975. Pp. 279 -303.
- Fundação Calouste Gulbenkian 1956/ 1981. 25 Anos*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1983.
- Inauguração do Museu, Biblioteca e demais instalações culturais*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1969.
- Ribas, Tomaz - 10º Aniversário do Ballet Gulbenkian, 1965/1975. *Colóquio Artes*. Lisboa. Fevereiro 1976. Pp. 67-74.
- Ribas, Tomaz - O Grupo Gulbenkian de Bailado no Panorama Histórico do Ballet em Portugal. *Colóquio*. Lisboa. Junho 1967 (nº 44). Pp. 25-29.
- Ribas, Tomaz - A Temporada de Ballet e Dança em Lisboa. *Colóquio Artes*. Lisboa. Outubro de 1975. Pp. 49-53.
- Ribas, Tomaz - A última Temporada do Grupo Gulbenkian de Bailado. Balanço e Meditação. *Colóquio*. Lisboa. Junho 1968 (nº 44). Pp. 25-29.
- Ribas, Tomaz - 25 Anos de Dança e Bailado em Portugal (1961/1986). *Colóquio Artes*. Lisboa. Dezembro 1987 (nº 75). P. 45-55.
- Sasportes, José Estevão - *História da Dança em Portugal*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1970.
- Sasportes, José Estevão - *Trajectória da Dança Teatral em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1979.
- Sasportes, José Estevão; RIBEIRO, António Pinto - *História da Dança*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1991.
- 1988 Fundação Calouste Gulbenkian, Relatório Anual*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian, 1991.

I refuse to admite that the dance has limitations that prevent its acceptance and understanding - or that the intrinsic purity of the art itself need be touched. The reality of the dance is its truth to our inner life. Therein lies its power to move and communicate experience. The reality of dance can be brought into focus - that is into the realm of human values - by simple, direct, objective means. We are a visually stimulated world today. The eye is not to be denied. Dance need not change - it has only to stand revealed.

Martha Graham -*Graham*, 1937



